



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA



RANIELE CARDOSO DE OLIVEIRA

**A PERCEÇÃO DAS FAMÍLIAS INDÍGENAS SOBRE A  
ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS**

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Lins de Oliveira

JOÃO PESSOA

2016

RANIELE CARDOSO DE OLIVEIRA

A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS INDÍGENAS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DAS  
CRIANÇAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Mariana Lins de Oliveira

Aprovado em: 21 / 11 / 2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Lins de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba



Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup> Silvestre Coelho Rodrigues (Membro)  
Universidade Federal da Paraíba

O48p Oliveira, Raniele Cardoso de.

A percepção das famílias indígenas sobre a escolarização das crianças / Raniele Cardoso de Oliveira. – João Pessoa: UFPB, 2016. 27f.

Orientadora: Mariana Lins de Oliveira  
Monografia (graduação em Psicopedagogia) – UFPB/CE

1. Famílias indígenas. 2. Processo de escolarização. 3. Aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 159.953(043.2)

# A PERCEPÇÃO DAS FAMÍLIAS INDÍGENAS SOBRE A ESCOLARIZAÇÃO DAS CRIANÇAS

## RESUMO

O presente artigo apoiou-se em uma pesquisa de ordem qualitativa, tendo por finalidade: investigar a percepção das famílias indígenas sobre a escolarização das crianças. Para isso, foi realizado um estudo junto a seis famílias que residem na aldeia Galego localizada no município de Baía da Traição. O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário estruturado em duas partes: a primeira contendo questões fechadas voltadas para identificar o perfil sociodemográfico dos participantes da pesquisa e a segunda, com questões abertas sobre a temática abordada no trabalho, a fim de verificar se há uma estreita relação entre o estímulo das famílias e a aprendizagem e de que forma eles enxergam os processos de escolarização.

**Palavras-chave:** Famílias Indígenas. Processos de Escolarização. Aprendizagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Foi desenvolvida uma pesquisa numa comunidade indígena para verificar a percepção que os mesmos apresentam a respeito da escolarização, e o quão importante é para eles as crianças estarem inseridas no ensino formal, assim como sua adaptação em relação as metodologias aplicadas nas escolas das aldeias.

Para falar de educação é sempre importante lembrar que ela é um processo amplo, contínuo, que acontece ao longo da vida de cada pessoa e não se restringe às experiências de escolarização. Em vários momentos coletivos de reflexão, os povos indígenas têm afirmado que assumir a educação escolar é um grande desafio, e a razão principal não é o desconhecimento de procedimentos didáticos ou de conteúdos curriculares, mas o fato de serem lógicas distintas as que fundamentam a organização da escola e a vida em suas comunidades (BERGAMASCHI et al.,2012).

A educação indígena vai além dos conhecimentos escolares e acadêmicos. Florestan Fernandes (1989) e Bartolomeu Melià (1979) afirmam que os povos indígenas possuem espaços e tempos educativos próprios, dos quais participam a pessoa, a família e a comunidade, sendo a educação assumida como responsabilidade coletiva. E ela acontece em processo: ao longo de sua vida uma pessoa está sempre aprendendo. Os autores também afirmam que a educação indígena é viva e exemplar, e isso quer dizer que a pessoa aprende pela participação na vida, pelas experiências do cotidiano, observando o exemplo de outros e agindo. Os pais passam para os filhos aquilo que aprenderam com os mais velhos, através das vivências, conversas, práticas e assim por diante.

A cultura indígena faz parte da história do povo brasileiro, embora tenha sofrido alterações pelo processo civilizatório e mudanças consideráveis advindas da aculturação, ainda traz costumes e saberes repletos de conhecimentos próprios que vem se perdendo ao longo dos anos. É perceptível a quantidade de valores existentes na maneira que os índios ensinam e aprendem uns com os outros, e o quanto eles têm a nos ensinar, despertando assim o desejo e o interesse em desenvolver este estudo. Podendo a psicopedagogia auxiliar as famílias de maneira significativa no processo de desenvolvimento escolar e no incentivo que as mesmas devem dar as crianças.

A finalidade deste trabalho é poder contribuir de alguma forma com a comunidade, abordando a importância da escolarização e a presença das famílias no desenvolvimento da

aprendizagem na aldeia Galego. Acredita-se, ainda, que este estudo deve ajudar as famílias à repensarem seus vínculos com as raízes da cultura indígena, bem como, em certa medida, fazê-los refletir sobre os benefícios que a escola e o estímulo familiar podem trazer para a o crescimento e aprendizagem de cada um.

Para os índios mais experientes a educação é respeitar os mais velhos, a natureza, as crianças aprenderem com os pais de uma maneira unida, através de conversas, brincadeiras, vivências e tudo que um passa para o outro no dia a dia: Assim, questiona-se: Qual é a percepção das famílias indígenas sobre o processo de escolarização?

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi escolhida a aldeia Galego localizada no município de Baía da Traição, onde segundo relatos de professores de lá é muito comum os pais se ausentarem quando o assunto é a escolarização dos filhos, eles não costumam ir as escolas, nem darem o estímulo que as crianças e jovens necessitam para terem uma boa aprendizagem. Partindo desse ponto se faz visível a construção de saberes através da relação entre pessoa-ambiente, portanto temos que pensar qual seria o modelo de educação ideal para ser levado as aldeias. Será que eles precisam de um estímulo diferenciado para voltarem a valorizar seus próprios costumes e sua realidade cultural?

Nesse sentido, devemos construir ações pedagógicas que possam ser praticadas de forma que não prejudiquem e sim contribuam para o desenvolvimento da escolarização nas aldeias, levando sempre em consideração os costumes, tradições, modos de pensar, ou seja, a racionalidade indígena. A esse respeito afirmou Melià (1999, p.16):

Por diversos motivos a educação indígena teve momentos de excessivo acanhamento, quase sem coragem para reclamar sua autonomia e seus direitos. A educação indígena não é a mão estendida à espera de uma esmola. É a mão cheia que oferece às nossas sociedades uma alteridade e uma diferença, que nós já perdemos.

Segundo Cavalcante (2008) “[...] os programas de escolarização indígenas foram fundados segundo a ideia de que é necessário fazer a educação de índio. Visto que, uma comunidade informada onde todos possam caminhar em busca do seu progresso só tem a crescer”. Podendo assim desenvolver maiores percepções, compreensão e comunicação sobre os fatos relacionados a sua comunidade, buscando criar dentro da própria comunidade uma

educação específica, diferenciada, bilíngue e intercultural e que possa atender as necessidades dos povos.

Diante desse panorama, o presente trabalho tem como objetivo principal analisar a percepção que as famílias indígenas apresentam a respeito da educação e os processos de escolarização. Mais especificamente, buscou discutir a importância da educação, verificar como acontece a participação das famílias indígenas na escolarização e conhecer como as famílias indígenas lidam com a inadaptação das crianças na educação formal.

## **2. EDUCAÇÃO ESCOLAR, FAMÍLIA E EDUCAÇÃO INDÍGENA**

### **2.1 A Importância da Família na Educação Escolar**

Neste item, iremos tecer uma reflexão sobre os objetivos da educação escolar e a importância do estímulo dado pela família no desenvolvimento do sujeito enquanto aprendiz. O desenvolvimento e a aprendizagem da criança segundo Vygotsky (1998) se dão a partir de princípios fundamentais como: o indivíduo tem que estar pronto para aprender; o desenvolvimento leva a aprendizagem e vice-versa; desenvolvimento e aprendizagem são simultâneos. Celidonio (1998) concebe a aprendizagem como um processo em que a personalidade da criança possa se desenvolver autonomamente e não como um reflexo de um certo modelo de indivíduo que a família ou a sociedade julgam ideal. Embora saibamos que é essa a criança que está sendo formada dentro das escolas, um sujeito estimulado a agir com ética e a seguir regras dentro de uma determinada sociedade.

A família é vista como a base para a aprendizagem da criança no que diz respeito a escolarização, é necessário que a mesma em parceria com a escola desempenhe um papel de facilitadora, dando ao sujeito o estímulo necessário ao seu crescimento intelectual e seu sucesso escolar. Um ambiente familiar “estável” e afetivo parece contribuir de forma positiva para o bom desempenho escolar da criança. Bossa (1998) ressalta que mais do que responsáveis pela qualidade de vida, os pais são construtores do aparelho psíquico dos seus filhos. Nascer numa condição de total incompletude, o ser humano depende totalmente dos adultos que estão a sua volta, especialmente de seus pais ou daqueles que fazem função paterna e materna.

O dever da família com o processo de escolaridade e a importância de sua presença no contexto escolar também é reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que no seu artigo 1º trás o seguinte discurso: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições

de ensino e pesquisas, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.” (BRASIL, 1996).

Esteves (1999) assegura que a família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não podem preencher. Sendo assim, o que se vê hoje são crianças chegando à escola e desenvolvendo suas atividades escolares sem qualquer apoio familiar.

A realidade atual é de famílias que na maioria dos casos não só o pai como a mãe trabalham fora o dia todo e as crianças acabam por muitas vezes ficando a mercê dos cuidados de babás ou de outras pessoas fora do núcleo familiar, com isso os pais não tomam conhecimento das atividades escolares de seus filhos e dos conteúdos vistos por eles na escola. Não ensinam as tarefas de casa e geralmente não se dão conta das dificuldades enfrentadas pelas crianças no campo da aprendizagem.

Contudo, como nos diz Prado (1981) a família não é um simples fenômeno natural, mas pelo contrário, é uma instituição social que varia no tempo e apresenta formas e finalidades diferentes dependendo do grupo social em que esteja. Essas famílias irão apresentar características e necessidades distintas, existem aqueles pais que mesmo trabalhando conseguem tirar um pouco do seu tempo para ir a escola, conversar com os professores, ensinar a tarefa de casa, já existem outros que não conseguem adequar seu tempo para dedicar-se mais a escolarização e educação dos filhos.

A família deve, portanto, se esforçar para estar mais presente em todos os momentos da vida de seus filhos, inclusive da vida escolar. No entanto, esta presença implica envolvimento, comprometimento e colaboração. O papel dos pais é dar continuidade ao trabalho da escola, criando condições para que seus filhos tenham “sucesso” tanto em sala de aula como na vida, sendo assim não deve-se submeter toda a responsabilidade à instituição.

## 2.2. Educação Indígena

Ao abordar a temática da educação indígena faz-se necessário levar em conta, já em um primeiro momento, todas as particularidades culturais que estes grupos possuem, para dessa forma pensar-se em métodos educativos direcionados à cultura indígena, que possam contribuir de forma a transformar a escola indígena, afim de que a mesma não seja apenas um espaço no qual se reproduza o modo de vida da sociedade não-índia.



A história nos mostra que desde o descobrimento do Brasil por Portugal em 1500, os povos indígenas estão presentes nesses territórios e eram os “donos” das terras até a chegada dos europeus. Com a invasão da cultura branca europeia a realidade indígena então passou a sofrer alterações, os recém chegados começaram a interferir na educação dos nativos, diversas ordens religiosas católicas, como os salesianos e os capuchinhos montaram suas escolas para alunos indígenas.

Segundo o Secad (2007) Parcerias existentes entre o estado laico e missões evangélicas na época do império atuaram na educação dos índios, como exemplo, podemos citar a criação da catequese, com o intuito de influenciar os povos indígenas a seguirem a religião pregada por eles e conseqüentemente se afastarem de suas crenças, desvalorizando assim uma fé trazida desde o nascimento. A escola para índios no Brasil começa a se estruturar a partir de 1549, quando chega ao território nacional a primeira missão jesuítica enviada de Portugal por D. João III. Composta por missionários da Companhia de Jesus e chefiada pelo padre Manuel da Nóbrega, a missão incluía entre seus objetivos o de converter os nativos à fé cristã. (CADERNO SECAD 3)

Defendendo o reconhecimento da diversidade sociocultural e linguística dos povos indígenas e, conseqüentemente, a participação desses povos na definição, formulação e execução de políticas e ações no campo indigenista, as iniciativas dessas organizações acabaram por contribuir para mudanças importantes na visão que a sociedade nacional e o Estado brasileiro tinham dos indígenas e de seus direitos, os direitos passaram a serem respeitados e os povos indígenas a receberem uma atenção maior por parte dos órgãos responsáveis.

Atendendo às demandas e às experiências inovadoras desenvolvidas por organizações indígenas, a educação escolar indígena passa a ser reconhecida pela constituição de 1988 e pela legislação relativa à educação como comunitária, intercultural, bilíngue, específica e diferenciada. (GONÇALVES E MELLO 2009)

As escolas indígenas se propõem a ser espaços interculturais, onde se debatem e se constroem conhecimentos e estratégias sociais sobre a situação de contato Inter étnico, podem ser conceituadas como escolas de fronteira - espaços públicos em que situações de ensino e aprendizagem estão relacionadas às políticas indenitárias e culturais de cada povo indígena. A educação dentro das comunidades indígenas teria de estar estruturada de maneira que pudesse desenvolver um trabalho que atuasse no sentido da manutenção dos elementos culturais do

grupo, ou seja, que a comunidade pudesse desenvolver-se dentro de sua própria cultura. Atualmente no Brasil existe um maior apoio por parte do governo à educação indígena, muitas escolas apresentam uma boa estrutura com materiais adequados e professores indígenas capacitados, mas infelizmente não é uma realidade alcançada por todos.

Na opinião de Silva e Azevedo (1995, p. 158):

A expressão “professor indígena”, no contexto atual da discussão sobre educação escolar indígena, tem um único sentido: não pretende caracterizar uma classe particular de professores. São, ao contrário, professores no sentido pleno, que são, ao mesmo tempo baniwa, tikuna, guarani etc.

Enquanto para algumas comunidades a escola precisa estar mais direcionada para possibilitar adequadamente o acesso a alguns conhecimentos da sociedade nacional, como, por exemplo, a língua portuguesa, a matemática e a informática (estratégicos para atender às suas necessidades práticas na defesa de seus direitos), outras preferem uma escola mais direcionada para a revitalização, transmissão e valorização da cultura e identidade do povo.

Nas concepções de Grupione (2006, p. 50):

A formação de índios como professores das escolas localizadas em terras indígenas é, hoje, um dos principais desafios e prioridades para a consolidação de uma Educação Escolar Indígena pautada pelos princípios da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade.

Algumas aldeias como as localizadas em Baía da Traição, tendo o exemplo da aldeia Galego, possuem escolas organizadas, recebem material por parte do governo e tem até sala de recursos para atenderem as crianças com maiores dificuldades, mas não contam com a participação dos pais dentro da escola, presentes na educação dos filhos. E esse é um ponto negativo para o desenvolvimento das crianças, além do fato de as crianças não serem alfabetizadas em sua língua materna, afastando-as assim cada vez mais de suas origens.

Os processos educativos indígenas em muitos aspectos se assemelham aos processos educativos das sociedades europeias, no uso de métodos de observação e experimentação. Mas também se diferenciam em muitos aspectos, como, por exemplo, quanto ao lugar de ensinar e aprender, e sobre quem ensina (MELIÁ, 1999). Por tal motivo se faz necessária a preservação da cultura indígena dentro das comunidades para que os mais velhos possam ensinar aos mais novos e transmitir o conhecimento trazido ao longo dos anos.

### 3. LEIS E DIRETRIZES: POVOS INDÍGENAS

Com o passar dos anos foram surgindo os órgãos em defesa dos povos indígenas e leis foram criadas a fim de dar suporte não só na educação como em todas as outras áreas, na tentativa de assegurar assim o direito dos índios. Com a Constituição de 1988, assegurou-se aos índios no Brasil o direito de permanecerem índios, isto é, serem eles mesmos com suas línguas, culturas e tradições. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Plano Nacional de Educação têm abordado o direito dos povos indígenas a uma educação diferenciada, pautada pelo uso das línguas indígenas, pela valorização dos conhecimentos e saberes milenares desses povos e pela formação dos próprios índios para atuarem como docentes em suas comunidades.

A intenção é de não deixar que a civilização industrial domine a cultura indígena e faça com que a história desses povos vá desaparecendo pouco a pouco até chegar a um ponto em que as crianças não tenham conhecimento de quem foram seus ancestrais, por tanto é essencial que a educação indígena seja valorizada e que os próprios índios sejam capacitados para transmitirem aos mais novos aquilo que foi vivido por eles de forma real e verdadeira.

A atual LDB/1996 substitui a Lei nº 4.024, de 1961, que tratava da educação nacional. No que se refere à Educação Escolar Indígena, a antiga LDB nada dizia. A nova LDB/1996 menciona, de forma explícita, a educação escolar para os povos indígenas em dois momentos. Um deles aparece na parte do Ensino Fundamental, no artigo 32, estabelecendo que seu ensino será ministrado em Língua Portuguesa, mas assegura às comunidades indígenas a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. Ou seja, reproduz-se aqui o direito inscrito no artigo 210 da Constituição Federal de 1988.

A outra menção à Educação Escolar Indígena está nos artigos 78 e 79 do Ato das Disposições Gerais e Transitórias da Constituição. Ali se preconiza como dever do Estado o oferecimento de uma educação escolar bilíngue e intercultural que fortaleça as práticas

socioculturais e a língua materna de cada comunidade indígena e proporcione a oportunidade de recuperar suas memórias históricas e reafirmar suas identidades, dando-lhes, também, acesso aos conhecimentos técnico científicos da sociedade nacional.

O Plano Nacional de Educação (PNE) apresenta um capítulo sobre a Educação Escolar Indígena, dividido em três partes. Na primeira parte, faz-se um rápido diagnóstico de como tem ocorrido a oferta da educação escolar aos povos indígenas. Na segunda, apresentam-se as diretrizes para a Educação Escolar Indígena. E na terceira, estão os objetivos e metas que deverão ser atingidos a curto e a longo prazo. Segundo o PNE (2011), os objetivos da educação indígena devem ser os seguintes:

Capacitar os professores para a elaboração de currículos e programas específicos para as escolas indígenas; o ensino bilíngue, no que se refere à metodologia e ensino de segundas línguas e ao estabelecimento e uso de um sistema ortográfico das línguas maternas; a condução de pesquisas de caráter antropológico visando à sistematização e incorporação dos conhecimentos e saberes tradicionais das sociedades indígenas e à elaboração de materiais didático-pedagógicos, bilíngues ou não, para uso nas escolas instaladas em suas comunidades (BRASIL, 2011).

Através das lutas e batalhas os direitos vão sendo conquistados e os deveres realizados para manter viva e fortalecida a cultura e a educação desses povos.

## **4. MÉTODO**

### **4.1 DELINEAMENTO**

O presente estudo caracteriza-se como estudo de caráter qualitativo. Para realização da pesquisa além do aprofundamento teórico sobre o tema, fez-se observações na aldeia indígena Galego, como uma forma de aproximação do objeto de estudo. Durante as visitas à aldeia, buscou-se conhecer a percepção que os mesmos apresentam acerca da escolarização, para isso foram realizadas entrevistas através da aplicação de questionários.

### **4.2 PARTICIPANTES**

A pesquisa contou com a participação de 6 indivíduos, todos moradores da aldeia Galego, situada em Baía da Traição-PB com idade entre 30 e 50 anos, sendo 2 desses participantes professores indígenas, todos com filhos em idade escolar.

#### 4.3 INSTRUMENTO E MATERIAIS

**Protocolo de observação:** nome do observador, objetivo da observação, horário da observação, relato do ambiente físico, relato do ambiente social, descrição dos sujeitos observados, técnica de registro utilizado e registro.

**Entrevista:** semiestruturada, aplicada com os participantes, composto por questões abertas, dando ao participante a oportunidade de expressar-se livremente, o questionário foi elaborado de forma que atendeu as necessidades apresentadas e pode-se obter respostas suficientes para responder aos objetivos do trabalho.

**Materiais utilizados:** como materiais foram utilizados gravadores, câmeras fotográficas, protocolo de observação e questionários.

**Observação:** é um instrumento bastante satisfatório na coleta dos dados, através dela pode-se avaliar todo o contexto onde se desenvolve a pesquisa, além de permitir a socialização com os participantes.

**Questionário:** a fim de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, comportamento presente ou passado. Algumas das questões presentes no questionário serão: idade, sexo, nível de escolarização, percepção sobre escolarização e etc. (APÊNDICE A)

#### 4.4 PROCEDIMENTOS

A pesquisadora começou as observações na comunidade e nas casas que os moradores permitiram a entrada da mesma. Ao fim das observações, os moradores que se enquadraram no perfil da pesquisa foram convidados a responder o questionário de forma voluntária. Uma vez tendo concordado com a participação no estudo, os respondentes assinaram o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (ANEXO I), baseado nos preceitos éticos vigentes para a realização de pesquisa com seres humanos. Após explicar todas as dúvidas deixou-se claro que os dados coletados ou resultados da pesquisa ficarão disponíveis para os interessados. O questionário foi aplicado em contexto individual com cada participante da pesquisa.

### 5. A EXPERIÊNCIA DO CAMPO: Percepções e Análises

A pesquisa começou a ser desenvolvida há mais de um ano na aldeia Galego. Em princípio as visitas foram para observação, desde o primeiro contato a receptividade por parte dos moradores foi excelente. A primeira visita foi no dia 19 de abril de 2015, onde estava

havendo a cerimônia do Toré, realizada em homenagem ao dia do índio. Nesse dia houve apenas observação, sem contato com os moradores locais. Alguns meses depois através de conhecimento com a sobrinha de uma moradora da aldeia houve um retorno, podendo a pesquisadora vivenciar a rotina dos moradores por quatro dias, estando inserida na casa de uma das famílias, realizando conversas informais e interagindo com o cotidiano da aldeia. A última visita foi realizada no dia 12 de outubro de 2016, através de novas conversas foi possível identificar uma mudança ainda pequena na realidade das escolas, as crianças que não aprendiam a língua materna agora aprendem, embora seja o básico, porém isso nos mostra que a cultura indígena esta sendo fortalecida de alguma forma. Além do mais foi possível conhecer o cacique da aldeia, que demonstrou-se totalmente disponível a conversar e falar sobre a educação, a família e até seus medos em relação ao futuro. Se seus filhos terão conhecimento da sua história e de seus ancestrais, ou se a aculturação irá fazer com que essa história fique perdida em algum lugar do passado.

Essa conversa foi extremamente gratificante e de grande valia para o andamento da pesquisa, através dela foi possível observar que os índios ainda preocupam-se com sua história, cultura e costumes e que embora a cultura capitalista tenha chegado, eles usem carros, celulares, assistam televisão, por exemplo, não deixam de serem índios e irão lutar para manter viva a história dos povos mais antigos presentes na realidade do nosso país.

## 5.1 ANÁLISES DOS DADOS

Os dados coletados foram analisados conforme a sua especificidade. A parte do questionário, voltada para as questões específicas da pesquisa, foram analisadas qualitativamente, apoiando-se nas falas dos participantes, comparando com o exposto na parte teórica e fazendo uma relação com a literatura trabalhada, para assim chegarmos a um resultado positivo e alcançarmos os objetivos da pesquisa.

## 5.2 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa contou com a participação de 6 moradores da aldeia Galego, dos quais 2 são professores indígenas, desses entrevistados são do gênero feminino 3 e 3 do gênero masculino, aqui denominados por Joana, Maria, Rita, Pedro, João e Paulo<sup>1</sup>, cuja faixa etária de idade variou entre 30 e 50 anos.

---

<sup>1</sup> Os nomes dos participantes são fictícios a fim de preservar suas identidades.

Na primeira questão aberta perguntou-se o que eles entendem por educação. Em relação a este tema, os entrevistados demonstraram concepções diversas. Tendo como respostas as falas expostas abaixo:

“É a aprendizagem, o respeito ao mais velho e a valorização a cultura.” (Maria)

“A educação é muito importante na vida de cada um de nós porque aprendemos a nos respeitar um ao outro”. (Joana)

“É um principio de formação de cada cidadão, é a base de tudo.” (Rita)

Percebemos nas respostas de Maria, Joana e Rita, referências à aspectos da educação que parecem fugir de alguma forma, de uma concepção de educação apenas instrumental. Ou seja, há nuances da educação vista de maneira mais ampla, comprometida com a formação humana. Por outro lado, Paulo ressalta a importância da educação garantir uma inserção social, como podemos verificar em sua resposta:

“É um meio de inclusão social, onde prepara o ser humano para o futuro, ou seja, resolver as atividades sociais.” (Paulo)

“É o elo mais importante no desenvolvimento de uma nação. Bem como, na evolução de uma nação, pais etc.” (João)

Percebe-se assim que apesar de serem da mesma aldeia e terem sido criados na mesma cultura todos apresentam um pensamento individual do que é a educação. Porém, com toda a diferença existe em comum, por exemplo, entre Maria e Joana o entendimento de que a educação também é respeito.

No tocante a segunda indagação: Em sua opinião qual a importância da participação familiar na escolarização das crianças? As respostas dadas pelos participantes foram:

“É muito importante o acompanhamento na escola.” (Maria)

“Tudo, porque a família é a base de tudo.” (Joana)

“De bastante importância por que sem a família presente fica difícil o aprendizado.” (Rita)

“Ajudar no desenvolvimento físico e mental das crianças. Até mesmo porque não há uma escolarização sem a participação da família.” (Paulo)

“Sempre foi e continua sendo importante, pois, como é que a família acompanha o desenvolvimento da educação se a mesma não dá a sua contribuição, pelo menos acompanhá-la. Isso é impossível.” (João)

Todos os participantes enxergam a participação familiar como de suma importância para o desenvolvimento da criança, vendo a mesma como a base de uma boa aprendizagem.

A análise dessas falas nos remete aos estudos de PRADO (1981) ao dizer que “a família não é um simples fenômeno natural, mas pelo contrário, é uma instituição social que varia no tempo e apresenta formas e finalidades diferentes dependendo do grupo social em que esteja”. Mesmo que as respostas tenham demonstrado certa valorização da participação da família nos processos de escolarização das crianças, não se pode afirmar que elas de fato consigam estar sempre presentes efetivamente nesses processos.

Na terceira indagação, foi perguntado se os professores das escolas indígenas estão bem capacitados. E pediu-se para que justificassem a resposta. Apenas o participante Paulo disse que os professores estão bem capacitados, os outros cinco concordaram em dizer que os professores não estão capacitados para exercerem tal função conforme se ver a seguir:

“Sim, porque através de programas sociais ou particulares os professores indígenas tiveram acesso a universidades federais e particulares com isto desenvolveram outros conhecimento.” (Paulo)

“Não tem capacitação, tem, conhecimento.” (Maria)

“Nem todos são capacitados para exercer essa função.” (Joana)

“Não, pois falta curso de capacitação pra o fortalecimento do ensino diferenciado.” (Rita)

As falas apresentadas indicam aproximação nas concepções de Grupione (2006, p.50): A formação de índios como professores das escolas localizadas em terras indígenas é, hoje, um dos principais desafios e prioridades para a consolidação de uma Educação Escolar Indígena pautada pelos princípios da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade. Por mais que os povos indígenas tenham acesso a universidades como dito pelo participante Paulo, os mesmos não são capacitados, não recebem preparação suficiente para atuarem diante de seu povo e para transmitirem o conhecimento de maneira que a cultura indígena permaneça forte e que mesmo assim as crianças consigam ter sucesso diante do ensino formal, tendo aprendizado bilíngue e conhecimento do passado de seus encentrais.

Conforme a quarta questão: Quais saberes consideram importantes para a formação dos seus filhos. As falas dos participantes foram:

“É importante elas manter sempre a nossa cultura.” (Maria)

“Respeito ao próximo, respeitar a cultura e suas crenças individualmente.” (Rita)

“Acima de tudo está a ética e o respeito. Bem como os saberes indígenas na formação e identificação de sua identidade.” (João)



“Os conhecimentos tradicionais originários passados de pais pra filhos, netos, bisnetos... Assim como o conhecimento formal mas sem de maneira nenhuma esquecer sua origem. (Pedro)”

Percebe-se que há uma conexão entre as falas apresentadas. Todas denotam valorização da cultura indígena e a perpetuação da mesma entre as diferentes gerações. O conhecimento formal também é citado como importante na educação das crianças. Esses dados se assemelham às teses defendidas por autores que abordam essa temática e que defendem que a educação dentro das comunidades indígenas teria de estar estruturada de maneira que pudesse desenvolver um trabalho que atuasse no sentido da manutenção dos elementos culturais do grupo, ou seja, que a cultura pudesse se desenvolver dentro da sua própria comunidade.

No que concerne ao último questionamento: Caso seu filho(a) apresente alguma dificuldade de aprendizagem como você irá lidar com a inadaptação escolar dele(a) e qual será sua postura em relação a isso. Destacou-se a fala do participante Paulo, por expressar suas ideias com mais clareza, como visto a seguir.

“Neste caso procuraria os professores pra entender o real problema, então a partir desta conversa tomaria as medidas cabíveis para o desenvolvimento.” (Paulo)

Partindo da fala exposta acima verificou-se que a mesma demonstra a compreensão de que os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. Contudo numa perspectiva psicopedagógica concordamos que, a sala de aula precisa ser espaço de formação e de harmonização, e a participação da família é essencial no desenvolvimento do aluno para que o mesmo possa superar suas dificuldades.

Os outros participantes responderam:

“Tentar ajudar mais.” (Maria)

“Vou tentar ajudar da melhor maneira possível.” (Joana)

“Na verdade procuraria a parte técnica pedagógica da secretaria de educação. E esperaria o diagnóstico para poder me adaptar com a situação.” (Rita)

“Se caso esse caso venha a ocorrer é preciso que se tenha um diálogo com as esferas municipais, estaduais e, até mesmo a união. Solicitando das mesmas que faça uma adequação do estabelecimento de ensino, no sentido de colaborar com a demanda apresentada, garantindo aos educandos seus direitos de ir e vir como cidadãos. Isso nas áreas de acessibilidade e necessidades especiais.” (João)

“Vivemos a inadaptação cotidianamente pelo fato dos princípios não serem respeitados. É uma luta continua que as autoridades a nível federal, estadual, municipal e também as universidades públicas e particulares não busquem esse diálogo entre as várias formas de educar, essa inadaptação será sempre presente e um desafio de quem se encontra nas bases.” (Pedro)

As participantes Maria e Joana apresentaram uma resposta parecida de que vão tentar ajudar mais, mas não especificaram como seria essa ajuda. Já Rita demonstrou esperar uma solução por parte da equipe pedagógica da escola e João e Pedro levaram para um lado mais técnico, suas repostas se assemelharam, envolvendo o governo e as autoridades responsáveis. Ambos os cinco apresentam em comum o fato de buscar um motivo para a inadaptação da criança fora do âmbito familiar, e nenhum procura ter um olhar para sua casa, sua família e para tentar ser o impulso que a criança precisa para que tenha uma melhor adaptação dentro da escola.

Com base nas ideias de Esteves (1999) a família renunciou às suas responsabilidades no âmbito educativo, passando a exigir que a escola ocupe o vazio que eles não podem preencher. Como sabemos a família é a base para uma boa formação e sem a participação dela de forma ativa no processo de ensino-aprendizagem torna-se difícil o trabalho dos professores, pois a escola precisa dessa parceria, através dela a criança irá sentir-se encorajada a aprender, sabendo que pode contar com o apoio dos pais e que os mesmos estarão sempre presentes em sua formação.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base na análise dos dados, se chegou a compreensão de que os objetivos da pesquisa foram respondidos de forma positiva, haja vista que através da mesma foi possível verificar a percepção das famílias sobre a escolarização das crianças e a postura delas a cerca do tema abordado. Levando em consideração que sem a participação familiar na escola a criança possui grandes possibilidades de apresentar dificuldades e de não se desenvolver da maneira esperada, pois como vimos a família é a base para uma boa escolarização. Quanto as que já apresentam dificuldades é concreto que essas tendem a evoluir melhor quando a família está dando o estímulo em parceria com a escola.

Porém uma contradição pode ser observada, as famílias questionadas enxergam a educação como importante, acreditam na valorização da cultura e veem a participação

familiar como extremamente necessária, mas as mesmas não buscam estarem presentes na escola e ao serem questionadas sobre a inadaptação em momento algum enxergam o fator contribuinte dentro do seu ciclo familiar.

Mesmo com todas as leis e direitos que são assegurados aos povos indígenas os moradores da aldeia Galego sentem a falta da valorização, da melhoria, de ter seu artesanato divulgado, sua história preservada, os professores capacitados. Não adiante ter diversas promessas escritas num papel se quando passamos para a prática a realidade é outra. De certo modo essa falta de valorização também pode ser um fator contribuinte para o “desinteresse” das famílias no processo de escolarização.

Ao final da pesquisa surgiu o desejo em continuar o trabalho, não só obter conhecimento sobre a história da aldeia, mas contribuir com a mesma levando o nosso estudo a uma perspectiva futura de crescimento mútuo junto aos moradores do local, valorizando a cultura e a educação dos povos de lá. Uma realidade observada foi de que muitos dos pais possuem formação superior, então se eles chegaram à universidade por que não estão exercendo sua profissão? Quais foram as dificuldades enfrentadas? Por que não estão presentes de maneira participativa no processo de escolarização dos filhos?

Com isso levantamos novos questionamentos a serem pesquisados e analisados para obtermos conclusões significativas não só sobre a escolarização e educação dos povos indígenas da aldeia Galego, como também sobre a história, as perspectivas e os desejos dos mesmos. Um índio não deixa de ser índio porque usa celular, possui carro, tem televisão em casa e etc. Eles precisam acompanhar a civilização e evoluir junto com ela, mas sem esquecer de onde vieram, dos seus ancestrais, da sua cultura, costumes e valores.

Espera-se, portanto que o estudo apresentado possa contribuir com a valorização da cultura indígena e da aprendizagem desses povos e que também possa trazer contribuições futuras no que diz respeito a psicopedagogia, pois é de grande relevância que o psicopedagogo, enquanto profissional que atua na educação, compreenda a importância da família e a visão da mesma na construção da aprendizagem humana independente da classe, etnia e raça.

## PERCEPCIÓN DE FAMILIAS INDÍGENAS EN LA ESCOLARIZACIÓN DE LOS NIÑOS

### RESUMEN

En este artículo se basó en una investigación de campo cualitativa, con el objetivo: investigar la percepción de las familias indígenas en la educación de los niños. Para esto, se realizó un estudio con seis familias que residen en el pueblo situado en el municipio de Galicia Bahía de traición. El instrumento utilizado para la recolección de datos fue un cuestionario estructurado en dos partes: la primera contiene preguntas cerradas destinadas a identificar el perfil sociodemográfico de los participantes en el estudio y la segunda, con preguntas abiertas y específicas sobre el asunto que se aborda en la obra con el fin de verificar que existe una estrecha relación entre el estímulo de las familias y el aprendizaje y la forma en que ven la educación.

Palabras clave: Las familias indígenas; procesos de escolarización; El aprendizaje.

## REFERÊNCIAS:

BERGAMASCHI, Maria Aparecida et al. (Orgs). **Povos Indígenas e Educação**. Editora Mediação. São Paulo 2008.

BOSSA, DRA. N. A. "Do nascimento ao início da Vida Escolar: o que fazer para os filhos darem certo?" in Revista Psicopedagogia. Vol. 17, São Paulo, Salesianas 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394/96.

CAVALCANTI, Lucíola Inês de Pessoa. **Formação de Professores na perspectiva do Movimento dos professores Indígenas da Amazônia**. Amazônia 2008.

CELIDÔNIO, R. F. "Trilogia inevitável: família - aprendizagem - escola", in Revista Psicopedagogia. Vol. 17, São Paulo, Salesianas 1998.

FERNANDES, Florestan. **A organização social dos Tupinambá**. São Paulo, Hucitec, 1989.

MELIÀ, Bartolomeu. **Educação indígena na escola**. In. **Educação Indígena**. Cadernos Cedes. N. 49. Campinas, 1999.

MELIÀ, Bartolomeu (1979). **Educação indígena e alfabetização**. São Paulo: Loyola.

REFLEXÕES EM TORNO DA ESCOLA INDÍGENA DIFERENCIADA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA. Disponível em:

<[http://www.anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT3/GT3\\_Relato/AnselmoColares\\_GT3\\_integral.pdf](http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT3/GT3_Relato/AnselmoColares_GT3_integral.pdf)> Acesso em: 19/04/2016

A COMPLEXIDADE DO PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO INDÍGENA: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO GUARANI. Disponível em:

<<http://cacphp.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/200.pdf>> Acesso em: 19/04/2016

LEGISLAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/vol4c.pdf>> Acesso em: 09/05/2016.

Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.

Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaoindigena.pdf>> Acesso em: 09/05/2016.

EDUCAÇÃO INDÍGENA NO PAÍS E O DIREITO DE CIDADANIA PLENA. Gersem José dos Santos Luciano. Disponível em:

<[www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/download/310/480](http://www.esforce.org.br/index.php/semestral/article/download/310/480)> Acesso em: 01/06/2016.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR INDÍGENA. Disponível em:

<<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/viewFile/1282/934>> Acesso em: 12/08/2016.

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA. Disponível em:

<[http://www.cimi.org.br/pub/Porantim/2015/Encarte\\_Porantim377\\_ago2015.pdf](http://www.cimi.org.br/pub/Porantim/2015/Encarte_Porantim377_ago2015.pdf)> Acesso em: 23/10/2016.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/pne.pdf>> Acesso em: 14/11/2016.

# APÊNDICE

INSTRUÇÕES: Cada pessoa possui uma visão diferenciada a respeito da educação e a importância que a mesma apresenta em sua vida. Abaixo estão algumas questões que ajudarão a compreender as suas interpretações em relação ao tema abordado. Não há respostas certas ou erradas. Lembrando que sua participação é voluntária.

## APÊNDICE A

01. Sexo: F( ) M( )
02. Idade:
03. Nível de Escolaridade:
04. Quantos filhos?
05. Costuma ir a escola do(s) seu(s) filho(s)? SIM( ) NÃO( )
06. O que você entende por educação?
  
07. Em sua opinião qual a importância da participação familiar na escolarização das crianças?
  
08. Os professores das escolas indígenas estão bem capacitados? Justifique sua resposta.
  
09. Quais saberes consideram importantes para a formação dos seus filhos?
  
10. Caso seu filho(a) apresente alguma dificuldade de aprendizagem como você irá lidar com a inadaptção escolar dele(a) e qual será sua postura em relação a isso?



# ANEXOS

## ANEXO I

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre A percepção das famílias indígenas sobre a escolarização das crianças e está sendo desenvolvida pela(s) pesquisador(as) Raniele Cardoso de Oliveira aluna(s) do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do(a) Prof(a) Dr<sup>a</sup> Mariana Lins de Oliveira.

Os objetivos do estudo são discutir a importância da educação, verificar como acontece a participação das famílias indígenas na escolarização e conhecer como as famílias indígenas lidam com inadaptação das crianças na educação formal.

A finalidade deste trabalho é contribuir de forma positiva com a comunidade, abordando a importância de uma boa escolarização e da presença das famílias no desenvolvimento da aprendizagem. Para isso existe a pretensão de um projeto futuro para a elaboração de oficinas educacionais nas aldeias.

Solicitamos a sua colaboração para participação em nossa entrevista como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação e saúde e publicar em revista científica (*se for o caso*). Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a)

Raniele Cardoso de Oliveira

Telefone: 083 98821-2074/ 083 99805-2234

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba

Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: [eticaccsufpb@hotmail.com](mailto:eticaccsufpb@hotmail.com)

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Responsável

---

Assinatura do Pesquisador Participante

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A minha família Rivaldo (pai), Marizete (mãe), Karolline (irmã) e Janailson (esposos) por sempre terem acreditado em minha capacidade e sempre me ajudarem a seguir em frente.

A minha turma (2012.2), que me acompanhou por toda graduação, claro que a alguns em especial, porém não irei citar nomes para não correr o risco de deixar alguém de fora.

Ao corpo docente, por todo o aprendizado, todas as risadas, brincadeiras e puxões de orelha ao longo desses anos. Não podendo deixar de enfatizar a professora Geovaní por todos os abraços, a professora Viviany por ser tão prestativa e sempre disposta, a professora Mariana que aceitou me orientar aos quarenta e cinco do segundo tempo e me ajudou bastante e claro em especial ao professor Silvestre por todo apoio, por acreditar em mim desde o começo, por sua simplicidade e disposição.

E por último mais não menos importante a minha querida turma 2015.2, por serem tão receptivos, amigos, companheiros e incentivadores. Por terem me adotado e elevarem a minha autoestima todos os dias. Como vocês são especiais, que sorte a minha ter tido a oportunidade de conhecer cada um de vocês. Melhor P2, levarei vocês em meu coração.

Mais uma vez, obrigada a todos.